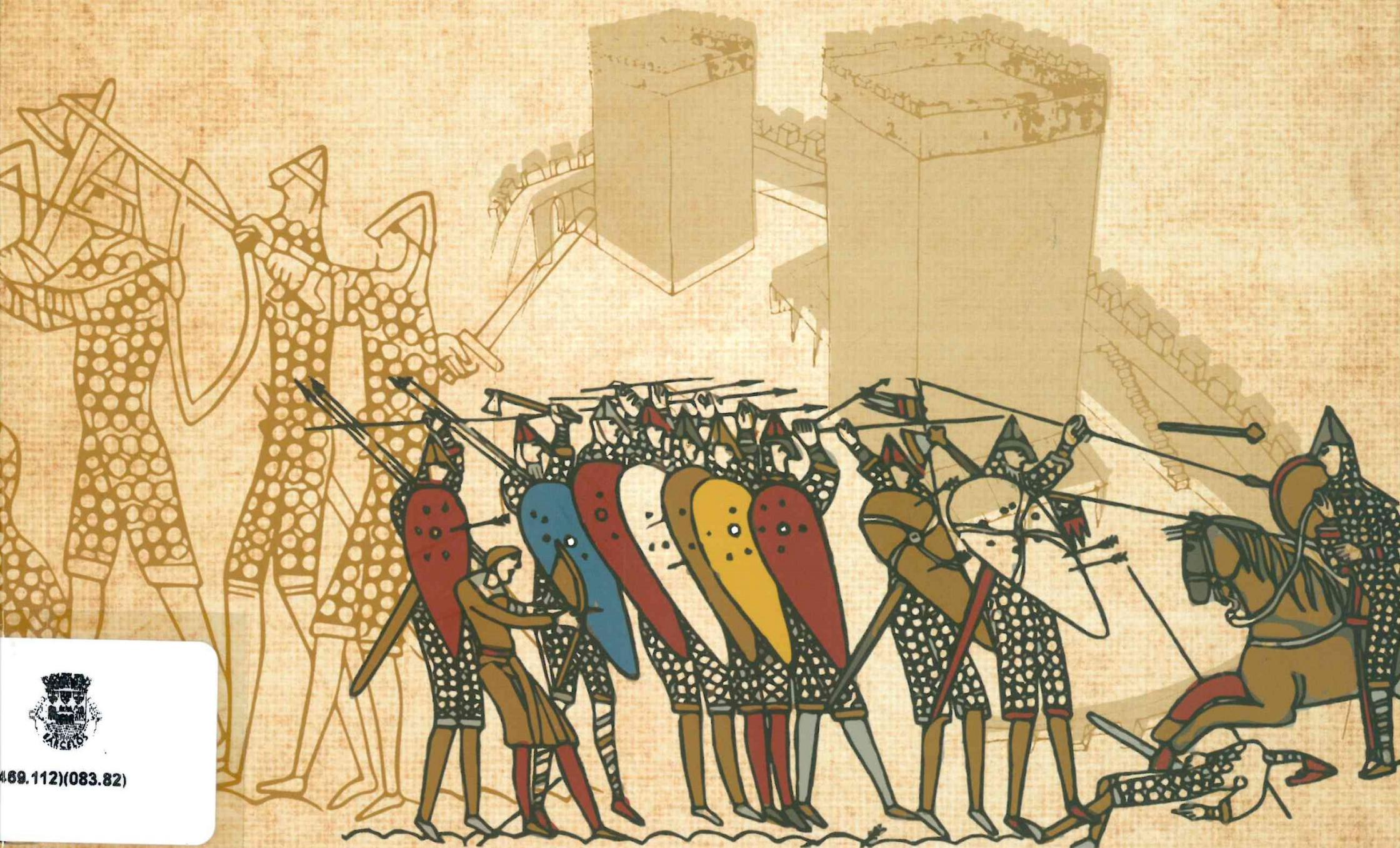


ERA UMA VEZ...

Ⓞ Castelo de Faria



(89.112)(083.82)

1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025

BARCELOS

COMEMORAÇÕES DOS 650 ANOS
DO FEITO DOS ALCAIDES DE FARIA

1373-2023

MUNICÍPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 69099

Barceliana



1373
2023



A exposição «*Era uma Vez... O Castelo de Faria*» é uma das materializações das Comemorações dos 650 anos do Feito dos Alcaides de Faria, a efeméride que o Município de Barcelos celebra sobre os acontecimentos de fevereiro de 1373, relatados por Fernão Lopes sobre a segunda guerra fernandina e recuperados pelo punho de Alexandre Herculano na narrativa sobejamente conhecida de todos.

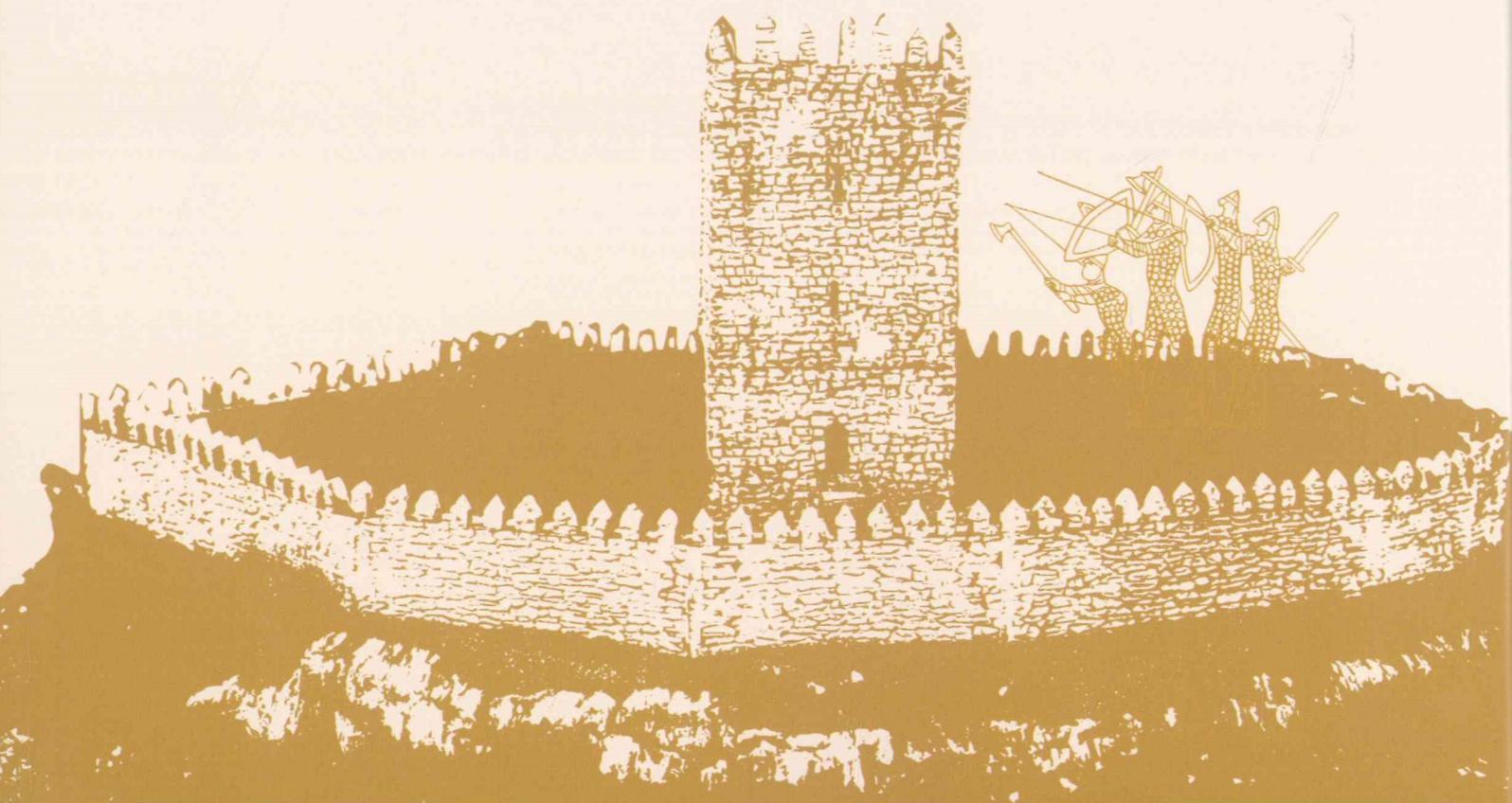
Coincide esta efeméride com um momento muito importante para a estação arqueológica do Castelo de Faria e para o Município de Barcelos, a passagem da propriedade do Monumento Nacional da esfera do Estado central para a gestão municipal, no âmbito da transferência de competências na área da cultura, o que nos trouxe uma muito ansiada administração direta da estação arqueológica, mas também uma responsabilidade acrescida em zelar, gerir e salvaguardar o palco do Feito dos Alcaides.

Solicitamos ao comissário da exposição que orientasse a divulgação para os nossos jovens e as nossas comunidades escolares, explicando-se porque existiu, como se vivia e porque desapareceu o Castelo de Faria do Monte da Franqueira.

Reiteramos o nosso empenho em não esquecer o Castelo, os Seus Alcaides, a sua tradição e importância, e a promoção desse legado enquanto missão de fortalecimento da nossa comunidade.

*O Presidente da Câmara,
Mário Constantino Lopes*

ERA UMA VEZ UM CASTELO



Como se resgata a memória de um castelo arruinado de cuja lenda muitos ouviram falar, mas que poucos conhecem?

Durante quatro séculos e meio, o Castelo de Faria existiu no Monte da Franqueira, defendendo a Terra com o mesmo nome e as suas rotas. Foi palco de acontecimentos marcantes da História do nosso país, dando origem a uma lenda reproduzida em livros séculos mais tarde sobre um cerco às suas muralhas, onde os seus alcaides resistiram heroicamente aos inimigos. Um dia, um grupo de homens de Barcelos quis que as ruínas e a memória desse castelo voltassem a ser significativas e organizaram uma expedição arqueológica a esse monte; escavaram as ruínas e colocaram à mostra os restos da torre e das muralhas do castelo, mas também dos povoados anteriores. São essas histórias e alguns desses materiais arqueológicos que queremos mostrar.

Fique assente, desde já, que esta exposição destina-se a um público muito específico, o escolar, do primeiro ao terceiro ciclos, razão pela qual o título escolhido foi «*Era uma vez... O Castelo de Faria*».

Pretende-se promover a redescoberta de um dos lugares fundamentais do pathos barcelense das décadas de 1930 a 1960, o palco do Feito dos Alcaides, o lugar de lenda e de mistério próprio dos romances de cavalaria, e o móbil de uma das mais bem sucedidas agremiações sociais da cidade – o Grupo Alcaides de Faria (GAF), resgatando-o doravante da apatia a que os tempos modernos vão votando o passado.

Evoca-se a memória do GAF, ensaia-se uma explicação da importância política e administrativa dos castelos e dá-se a conhecer uma recriação do perfil da construção militar, rendendo a imagem inexistente no sítio original, batido pelas vicissitudes da passagem do tempo.

O Município de Barcelos é depositário de todo o espólio

arqueológico exumado pelo GAF desde a extinção do seu Museu Alcaides de Faria (MAF), contando com várias centenas de objetos de grande importância para o conhecimento das materialidades arqueológicas da Idade Média Portuguesa e em boa parte, deste quadrante Noroeste da Península Ibérica.

A exposição foi organizada tendo em conta esses materiais, definindo-se grupos de objetos tendo em conta o fabrico e função de acordo com os quotidianos de um castelo medieval, e de entre todo o espólio arqueológico apresentado, apenas duas peças não provêm do Castelo de Faria: as manoplas exibidas na vitrine 6; tudo o resto foi resgatado entre as ruínas do Castelo e esteve exposto no Museu Alcaides de Faria.

Importa afirmar o papel desta “unidade museológica” que funcionou em dois espaços distintos entre 1931/32 e 1965 para a formação de uma «consciência» do passado local entre as nossas gentes, já que os materiais encontrados nas escavações do Grupo Alcaides de Faria passavam imediatamente ao núcleo expositivo, o que nos diz muito da pedagogia que o Grupo pretendia no seu programa, e um ensinamento de quase um século para a novel geração de técnicos do Património, sobre qual deverá ser o fulcro da sua agência.

Daquele tempo em que a mostra era tudo, resgatamos algumas legendas originais de materiais, para atestar a qualidade, seriedade e, porque não dizê-lo, atualidade da informação veiculada.

Convidamos-vos a um visita simples, desejando que seja prazenteira, eficaz nos conteúdos e desencadeadora de novos conhecimentos; recomendamos imaginar muito, pois resgatar um castelo dos escombros não é tarefa simples, mas a Memória é um guindaste de sonhos.

O GRUPO

ALCAIDES

DE FARIA

Em 1929, um conjunto de barcelenses ilustres promoveu uma excursão ao monte da Franqueira, para visitar o local onde a tradição apontava as ruínas do Castelo de Faria. Nesse sítio encontraram um monte de pedra solta sob a vegetação abundante. Decidiram, ali mesmo, proceder a prospeções e a escavações, para provar ser aquele o sítio onde a lenda relatou o feito dos Alcaides de Faria. Assim foi fundado o Grupo Alcaides de Faria Pró-Franqueira, reconhecido oficialmente em 1930.

Esta coletividade desenvolveu uma atividade cultural intensa durante as três décadas seguintes, em Barcelos e no monte da Franqueira, realizando campanhas sucessivas de escavação no castelo de Faria, promovendo a construção da estrada da Franqueira, e a criação do Museu Alcaides de Faria (MAF).

Como resultado da atividade arqueológica, o Grupo editou um Boletim Cultural que granjeou excelentes opiniões por parte de académicos nacionais e estrangeiros.



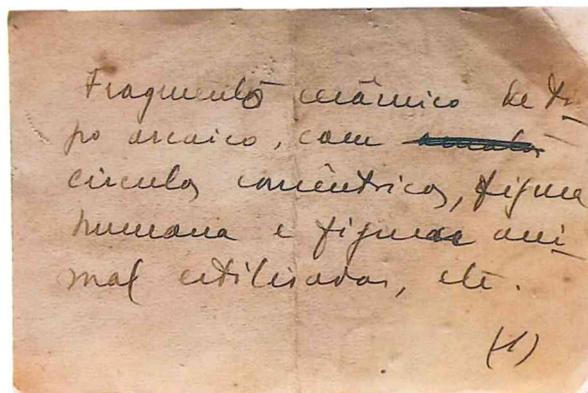
Visita às ruínas do Castelo de Faria em 1932 (Biblioteca Municipal de Barcelos)



1. Cônego Joaquim Gaiolas
2. Dr. Miguel da Fonseca
3. Domingos Ferreira Vale
4. Dr. Santos Júnior
5. Antero de Faria
6. João Luís Ferreira

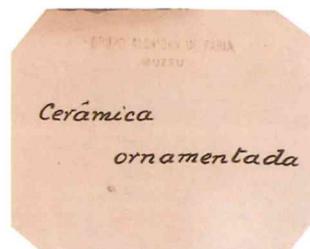


O Grupo Alcaides de Faria em 1932



O outeiro do Monte da Franqueira, onde foi identificado o Castelo de Faria, tem uma estação arqueológica que compreende não só os vestígios do castelo medieval, mas de outras épocas de ocupação, remontando à Pré-história e ao período Calcolítico de há 5.500 anos e com reocupação durante o final da Idade do Bronze (c. 1.200 a.C.); depois, durante a Idade do Ferro antiga (500 a.C.), a Idade do Ferro recente (século III/I a.C.); durante a Romanização e a Alta Idade Média (séculos III-VI d.C.) e durante a Baixa Idade Média (dos séculos XII-XV).

O Museu Alcaides de Faria (MAF) teve um conjunto de vitrines onde eram mostrados objetos de diferentes cronologias, que ensinava tratar-se de uma estação arqueológica com diferentes momentos.



LEGENDAS DO MAF (MUSEU ALCAIDES DE FARIA)

Diversas legendas manuscritas relativas aos expositores do antigo MAF em papel timbrado com o selo do Grupo Alcaides de Faria.

Este Museu foi instalado numa sala do Banco de Barcelos, passando posteriormente para a sala superior da Torre Medieval de Barcelos.

Destacam-se três papéis manuscritos a tinta de pena, com indicação da função e cronologia de algumas peças, incluindo o celebrado fragmento do cavaleiro apeado, da Idade do Ferro. Teriam sido escritos pelo punho de Rui Serpa Pinto, em 1932, que juntamente com o Doutor Mendes Correia e o Doutor Santos Júnior, figuras centrais da antropologia e arqueologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, visitaram a estação arqueológica e o Museu.

FRAGMENTOS DE CERÂMICA CALCOLÍTICA (3.500-2.700 A.C)

Diversos fragmentos de púcaros de pequenas dimensões, produzidos à mão e secos ao sol, que apresentam como elementos distintivos a utilização de decoração incisa e ponteadada em grande parte da superfície exterior. Destinavam-se à preparação de alimentos e ao armazenamento de grãos.



PÚCARO

Bordo de pote Calcolítico (c. 3.500 a.C.), de cerâmica feita à mão e seca ao sol, com paredes exteriores alisadas e decoradas com motivos de ponteadado arrastado em "bago de arroz", e um pequeno mamilo na base da área decorada. A utilização da decoração em determinados objetos cerâmicos deveria obedecer a motivos de função especial, a expressão de crenças ou de distinção social.

PANELA

Bordo e asa de uma ola, de cronologia do Bronze Final / Ferro antigo (c. 1.200-700 a.C.). Peça fabricada à mão, de paredes polidas, com uma linha de decoração exterior. Esta cerâmica era seca ao sol e possivelmente cozida em fogueiras.





PANELA

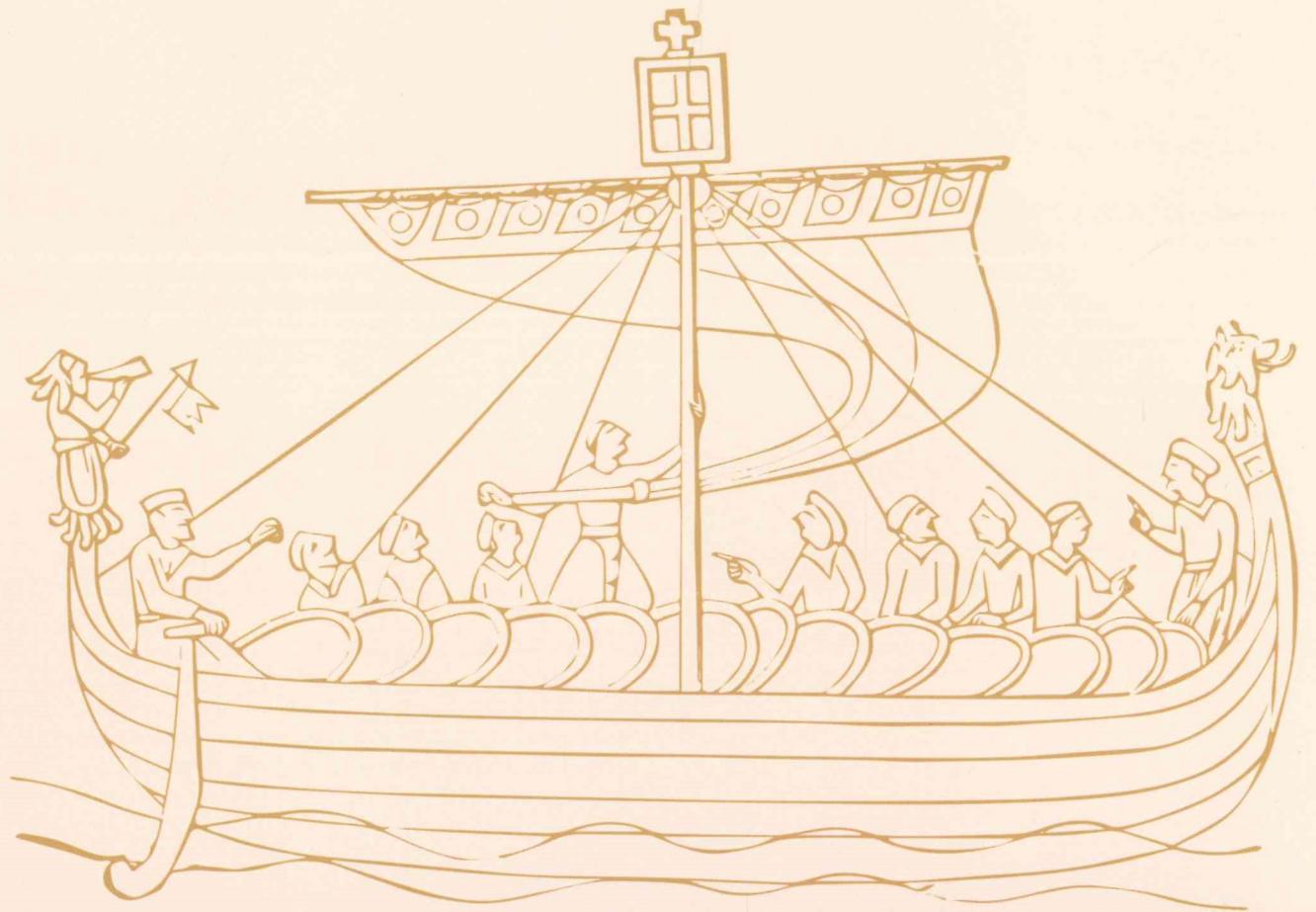
Bordo e parte do colo de um grande recipiente de panela de perfil em S não muito marcado, feito ao torno, de superfícies polidas e com efeito brunido horizontal ou no sentido das estrias do torno. Apresenta vestígios de fuligem, o que indicia contacto com o fogo.



FRAGMENTOS DE CERÂMICA MEDIEVAL

Fragmentos de peças não identificadas, com decoração constituída por linhas incisadas, ou com cordão plástico pressionado a espaços para se obter uma barra. Cozedura redutora (pasta escura) e oxidante (pasta alaranjada).

ERA UMA VEZ UMA TERRA



Houve um tempo em que o território de Portugal esteve organizado de modo diferente da divisão atual por regiões, distritos e concelhos. Durante a Idade Média, essas divisões chamavam-se Terras.

Até ao século X, a defesa do território era da iniciativa das suas populações. Os habitantes procuravam refugiar-se no alto dos montes quando eram atacados, escolhendo locais de acesso difícil, às vezes com fortificações antigas, da Idade do Ferro.

Nesses tempos, o território era atacado com frequência pelos árabes do Gharb Al-Andaluz, pelos vikingues do Mar do Norte, ou pelos cristãos do Reino das Astúrias.

Com o avanço da Reconquista (ou presúria) cristã, durante o séculos X e XI, a reorganização militar do território do Entre Douro e Minho levou à criação das Terras. Em cada Terra havia um castelo, chefiado por um *tenens*. Os castelos existiram onde era mais fácil controlar a circulação nas

rotas, por estrada ou via fluvial, junto à travessia dos rios e junto ao mar.

A primeira referência conhecida da Terra de Faria data de 1070, mas do seu castelo (dizia-se cabeça da terra) conhecemos referências desde 1099.

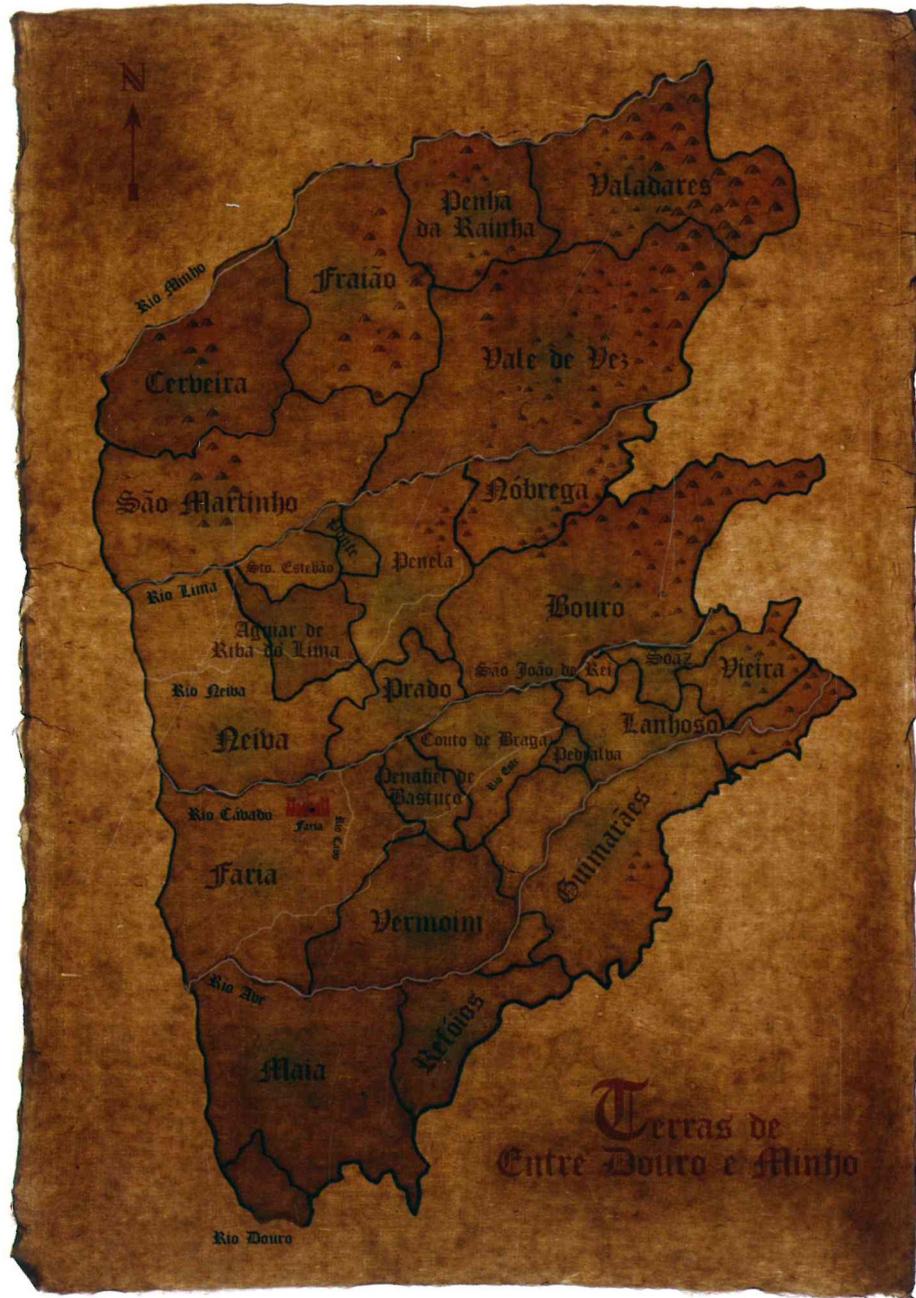
A Terra de Faria abarcava a região a sul do rio Cávado até ao rio Ave, e entre o mar e o monte de Airó, fazendo ali fronteira com a Terra de Penafiel de Bastuço. O Castelo de Faria localizava-se no monte da Franqueira, conhecendo-se as suas ruínas arqueológicas num outeiro voltado a oeste.

Esta elevação tinha grande valor estratégico, porque permitia a observação dos movimentos na estrada entre o Porto e Ponte de Lima, e das embarcações na costa marítima, entre os lugares de Fão e da Póvoa de Varzim, ou no rio Cávado. Pela sua importância estratégica e por ser uma região fértil e bem povoada, a Terra de Faria garantia estatuto e grande poder aos seus detentores.

Fste monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue: já sobre ele se ouviram gritos de combatentes, ânsias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas e estrondo de máquinas de guerra. Claros sinais de que ali viveram homens: porque é com estas balizas que eles costumam deixar assinalados os sítios que escolheram para habitar na terra.

O castelo de Faria, com suas torres e ameias, com a sua barbacã e fosso, com seus postigos e alçapões ferrados, campeou aqui como dominador dos vales vizinhos. Castelo real da Idade Média, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá vão há muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de mármore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcácer das eras dos reis de Leão desmoronou-se e caiu.»

Alexandre Herculano, *O Castelo de Faria - Lendas e Narrativas*





CASTELO DE FARIA



O Castelo de Faria foi levantado no local onde existiam as obras de uma fortificação antiga da Idade do Ferro. Por esse motivo, os habitantes das imediações do monte da Franqueira procuravam refúgio para as suas vidas e bens nas muralhas e nos fossos arruinados, quando os inimigos assolavam esta região.

A reorganização do Entre Douro e Minho após a Reconquista, estabeleceu naquele local um castelo, devido ao seu valor militar e estratégico, por permitir o controlo da linha de costa e das rotas terrestres.

No século XII, o Castelo de Faria estava na posse das famílias mais importantes da região, e foi ali que D. Afonso Henriques assinou o documento de doação do couto do Mosteiro de Manhente, em janeiro de 1128.

Alguns historiadores viram nesta assinatura um dos primeiros sinais da política do então jovem *princeps* que desencadearia o movimento de independência de Portugal.

A torre de menagem era a construção mais importante do castelo, pois constituía o último reduto de defesa, no caso de os inimigos tomarem as muralhas.

Nos tempos de paz, a torre servia de habitação ao alcaide e à pequena guarnição do castelo, bem como às suas famílias.

Como era uma construção muito alta, permitia a vigilância do território a grandes distâncias. Seria também um elemento tão impressionante como dissuasor às forças inimigas.

A entrada da torre realizava-se sempre a grande altura, para impedir o ataque direto à porta. O acesso fazia-se pelo adarve (parte circulável da muralha), ao nível do primeiro ou do segundo andar.

No interior havia quatro pisos: no patamar inferior armazenavam-se os víveres, os cereais, a carne, o vinho e a água (cisterna); no piso ao nível da porta havia as lareiras, onde se preparavam as refeições e se aquecia o ambiente; e os pisos superiores serviam de dormitórios e de armazém das armas.

A VIDA DO CASTELO

«É por que aquela terra é muito povoada, não podiam todos caber no castelo,
e acolhiam-se entre o muro e a barbacã em choças cobertas de colmo»

Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, LXXIX

O castelo era uma construção militar destinada à defesa e à vigilância do território. A população da Terra contribuía com a anúduva para a sua manutenção, dedicando um dia cada ano em obras de reparação de muros e torres do castelo, fosse a cortar e transportar madeira ou pedra.

Aguarnição dedicava-se ao treino com armas, à manutenção do castelo, e cuidava dos cavalos e do armamento. Os restantes habitantes ocupavam-se das tarefas do dia-a-dia: preparavam as refeições, cuidavam dos animais, e realizavam outras atividades domésticas, caso da fiação e da tecelagem. Nos tempos de lazer jogavam ao moinho.

Os nobres saíam para caçar, fazendo montarias a ursos, a lobos e a javalis; também praticavam a falcoaria, a arte de caçar com aves de rapina.

As escavações no castelo revelaram centenas de objetos, os testemunhos desse quotidiano.



Soldados jogando o "Moinho"



BIGORNA

Ferro | 190mmx130mmx149mm | 1920gr.

Grande bloco de metal ferroso facetado, com a base mais estreita (150mmx85mm) que a parte superior, podendo estar fixa num entalhe de cepo de madeira. Tem as superfícies algo deterioradas pela corrosão. A densidade do bloco, que pesa 19,2 kg, justifica o seu uso como bigorna na oficina de ferreiro do castelo; a parte superior, mais larga, resultou do achatamento pela percussão constante no trabalho de outros utensílios.



TESTO / TAMPA

Dezenas de fragmentos de testos, pesados e de fabrico algo grosseiro, caracterizados por uma pega central com um orifício horizontal; a decoração consiste em quatro sulcos radiais a partir da pega, e o campo entre os sulcos é por vezes decorado com impressão de círculos ou por linhas incisadas. Podem ser tampos de ola ou de cântaro, rondando os 22cm de diâmetro (o palmo da medida medieval).



PEGAS DE TESTO

Pegas de testos de diferentes formatos e feitios, levantados das tampas durante o fabrico. Caracterizam-se por serem elementos circulares, com 20mm de diâmetro, por vezes com alguns cuidados decorativos, como é o caso do efeito serrilhado por incisões no lábio superior, ou pela aplicação de cordões e dedadas.

FRAGMENTO DE CERÂMICA MEDIEVAL

Fragmentos de peças não identificadas, típicas da cerâmica medieval dita "de Prado" dos séculos XIII a XV. Eram peças bem cozidas em ambiente redutor, com uma preocupação pela decoração exterior, caracterizada pelo emprego de várias técnicas: linhas incisadas verticais, horizontais ou oblíquas, os meandros ou simples pontilhados; a aplicação de cordões plásticos, depois pressionados a espaços para se obter uma barra, entrançados ou em espinha; e a colocação de reforços verticais e horizontais para maior sustentação das paredes e bordos das peças.



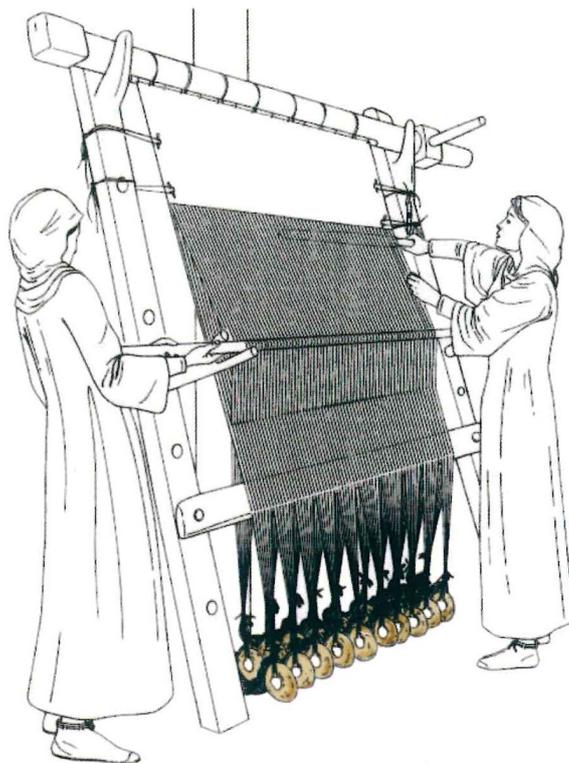
CÂNTARO

Diversos fragmentos de bordo de cântaros, todos diferentes, caracterizados pela aplicação de asas em fita muito finas e largas, de pastas bem depuradas e bem cozidas em forno redutor. A pouca espessura das paredes deformava ligeiramente as peças durante a cocção, tornando muito difícil a reconstituição das peças originais. Utilizavam-se as punções nas asas e bordos para impedir a formação de bolhas de ar na pasta, prevenindo a fratura da peça durante o tempo de forno. A existência de uma grande quantidade de cântaros, empregues no transporte de água para a cisterna, diz bem da escassez da água na colina onde se implantou o castelo.

AGULHA E DEDAL

Agulha em ferro, com 125mm de comprimento, ligeiramente fraturada na parte do agulheiro onde se enfiava a linha. A espessura da haste tinha no máximo Ø3mm. O dedal, também em ferro, com Ø20mm, dispõe de orifício na parte superior.

A utilização de agulhas e dedais era recorrente durante o quotidiano medieval, para a confeção de vestes em tecido de linho, lã e em couro. Eram também empregues nos bordados.



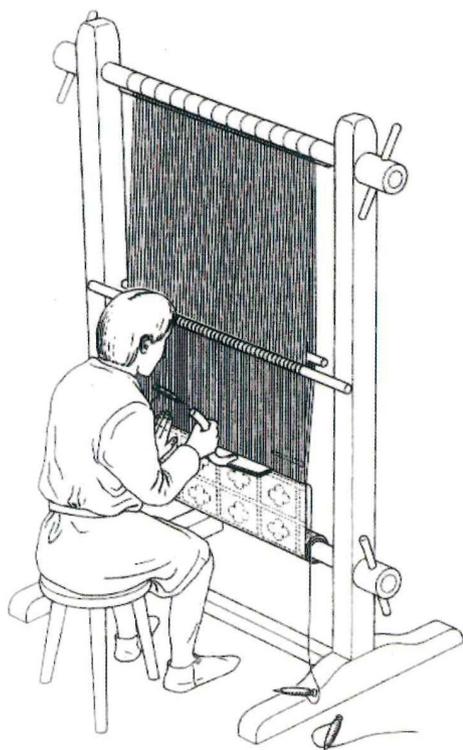
PESOS DE TEAR

Séc. XIII-XIV | Argila | 120mmx60mmx40mm | 490gr. /530gr.

Conjunto de pesos de tear vertical, caracterizados pela forma subpiramidal, tamanho de orifício (Ø7mm) e tipo de pasta muito semelhante, com engobe cinzento e marca de fabricante obtida por arrastamento dos dedos indicador e médio. Um deles é distinto por apresentar uma base mais larga (90mm), maior peso (680gr.) e orifício de Ø22mm, parecendo-nos o reaproveitamento de um fragmento de tijoleira romana.

Os pesos serviam para se obter tensão no urdume (ou teia), fazendo-se passar grupos de fios pelo olhal, suspendendo-o na base do tear.





COSSOIOS/ FUSOS DE ROCA

Conjunto de 21 pesos de fuso de roca, de vários tamanhos e pesos, e reutilizando sempre fragmentos de cerâmica, alguns de cronologia romana, outros de cronologia medieval. Eram empregues no terminal inferior do fuso de fiar, para promover uma rotação mais eficaz do eixo e dar mais torção às fibras que se desprendiam da roca. É possível que tenham servido como pedras de jogo.



CAVALO,
CAVALEIRO,
FERRO E FERREIRO



Um dos elementos centrais da Idade Média era o cavaleiro. Um cavaleiro deveria possuir uma armadura eficaz e um cavalo bem cuidado e aprestado, o que exigia recursos e tempo.

Daí que se encontrem nos castelos restos das cavaliarias para a guarda dos animais, e de oficinas de ferreiro, o artífice fundamental para a preparação e reparação do armamento, mas também para a manutenção dos aprestos de cavalaria.

Nas ruínas do castelo acharam-se centenas de objetos em ferro, desde as ferraduras para os cascos; fivelas, cilhas, passa-rendas, esporas e acicates; pregos, lâminas, facas, pontas de lança e de virote de besta; e uma grande bigorna.

Recuperou-se também a dentição de um cavalo, muito certamente vítima dos acontecimentos de fevereiro de 1373.



DENTIÇÃO DE CAVALO

Dentição de cavalo recuperada nas intervenções arqueológicas realizadas no derrube do torreão, junto à porta do castelo. Os dentes parecem provir do mesmo espécime, sendo que os cavalos possuem dois pares de incisivos na parte dianteira da mandíbula, e seis pares de molares, na parte interior.

Outros ossos foram recuperados entre as pedras do derrube, existindo até ossos humanos.

ESPORA DE ESPETO

Ferro

Espora em aro de ferro em U, com 128mmx111mm e 81gr., ligeiramente encurvado para a parte inferior, para maior estabilidade anatômica. O espeto tem 47mm, rematando numa ponta piramidal. Nas pontas do arco são visíveis os agulheiros onde passavam as correias.



CAMPAINHA

CF-MAF-109

Pequeno sino em cobre, de boa simetria, com 41mm de altura por 40mm na base. No topo tem aro soldado de perfil tubular, e furação irregular com 6mm. O tronco tem três orifícios equidistantes de 3mm, entre os quais foram gravadas por incisão quatro aspas, que pretendem ser cruzes apotropaicas. A borda da base foi levemente cinzelada para obtenção de um efeito serrilhado. Seria um objeto sonoro para uso em animais, com o duplo propósito avisador e apotropaico/proteção.



ESPORA DE ROLDANA

Séc. XIV | Ferro | 133mmx69mm | 47,7gr.

Espora de roldana de oito pontas (ou puas), bastante oxidada, com uma das pontas perdida. O aro em U, com curvatura anatômica, tem um dos braços quase completo, rematando num aro onde passaria a correia. Trata-se de um exemplar bem documentado durante o século XIV.

ESTRIBO E FIVELA DE CILHA

Séc. XIV | Ferro

Elementos da equipagem da cilha : o Estribo (com 98mmx110mm e 81gr.) tem uma base ligeiramente curva, estreitando-se em forma de sino até ao passadouro do couro, tudo batido na mesma argola. Depois de obtida uma argola, o ferreiro estreitava um aro onde passaria um tirante da sela, fazendo o colo do estribo apertado o suficiente para que o cavaleiro se pudesse sustentar de forma confortável no cavalgar à brida (pernas esticadas) ou à gineta (de pernas fletidas).

A fivela passa-rendas tem arco abatido de formato subretangular (com 88mmx63mm e 54,2gr.) com canal de fusilhão evidente ao centro da barra (inexistente). Servia para ajustar/ apertar a correia que rodeia o ventre da montada.



"FACA DO ALCAIDE"

CF-MAF-101

Faca de lâmina de ferro e cabo em bronze, de mesa, ricamente decorada, com 120mmx17mmx15mm, e 27,3 gramas. Da lâmina conserva-se apenas cerca de um terço do seu comprimento, estreitando-se num pedúnculo que é envolvido pela chapa de bronze do cabo. Este tem secção quadrangular, com 80mmx15mmx15mm; nas faces laterais e inferior foram abertos 14 alvéolos, cujo diâmetro orça entre os 7mm e os 10mm, para encaستamento de pedras. Destas, subsistem sete pedras de vidro amarelo, três na parte inferior, e quatro na face onde a chapa foi cinzelada entre os alvéolos, obtendo-se um efeito decorativo pontilhado. O cabo apresenta uma ligeira curvatura na base, acentuando-se nos topos, onde o metal está fraturado, sugerindo um terminal mais elaborado. Dada a qualidade inusitada deste utensílio de mesa, foi identificada no Grupo Alcaides de Faria como a "Faca do Alcaide".



GUIZOS DE FALCOARIA

CF-MAF-107 e CF-MAF-108

Guizos de falcoaria em bronze, praticamente idênticos, distinguindo-se por estar um deles esmagado numa das abas do fecho. Peças diminutas, de secção cónica, medem respetivamente 40mm, Ø12mm, com peso de 7,8g; e 36mm, Ø14mm e peso de 7,4g.. Possuem anel num dos topos, de furação circular de Ø3mm e secção em D, e dente no arranque do cone e quatro abas cortadas na base, rebatidas para o interior. Apresentam ambos decoração por três grupos de três linhas concêntricas.



INSÍGNIA

Séc. XIV | Bronze | CF-MAF-395 | 44mmx58mm | 38gr.

Insígnia heráldica, possivelmente de arreio de cavalo, bastante delida, mas conservando alguns elementos distintivos, como é o caso do esmalte vermelho. No campo central ostenta escudo a vermelho (de nove linhas verticais), ladeado por dois elementos indistintos, possivelmente cruces flordelisadas, encimado e suportado por crescentes, voltados para cima e baixo.

A insígnia tem uma argola na parte superior e quatro olhais, possivelmente para rebitar em couro.



SINETE DE GARCIA CARNEIRO

Séc. XIV | Bronze | CF-MAF-396 | 36mmx36mmx5mm | 44gr.

Selo de chapa (obtido-se por pressão sobre cera quente), com 36mmx36mmx5mm, achado antes de 1933, em liga de prata e bronze. Em excelentes condições de preservação, tem planta quadrangular orlada por quatro semicírculos, com um reforço soldado no reverso, onde existe uma furação para suspensão do elemento. No anverso, foi gravado em negativo o elemento heráldico no centro do campo, com um carneiro em movimento para a dextra, e com uma vieira em chefe. Nos arcos e nos cantos do campo distribuem-se os caracteres unciais +S-G-ARC-I-ACA-R-NE-R, iniciando sobre a vieira para a sinistra. A leitura é + S(igilum) GARCIA CARNER(o). A gravação em convexidade e negativo, sugere que fosse instrumento de chancela.



POMO DE ESPADA

Bronze e Chumbo | 47mmx20mmx1mm | 72gr. | Séc. XIV | CF.MAF.130

Pomo de espada, de formato discóide levemente batido, com Ø47mm, e 20mm de altura, com chapa de 1mm. Apresenta duas fraturas ou cicatrizes de diferentes tamanhos e irregularidades, onde encaixaria, respectivamente, a espiga da espada na abertura maior, e a solda na menor. Numa das faces tem um motivo decorativo concêntrico. Sendo elemento do terminal do punho de uma espada, o pomo servia de contrapeso à lâmina, para maior estabilidade e economia de esforço no manejo da arma.



FIVELA DE CINTURÃO

Bronze, restos de couro | CF.MAF.106 | 60mmx39mmx9mm | 47,5gr.

Fivela constituída por três partes, ligadas e mecanicamente funcionais. Uma chapa dobrada com 1mm de espessura e com 39mmx33mm, com cinco rebites de cabeça globular *in situ* paralelos ao eixo do fusilhão e encostados a este; tem ainda três orifícios para gatear do lado oposto à fivela, que serviria para cravar a peça ao couro. Dispõe da fivela, com a barra com 39mmx25mmx9mm e secção subcircular, de onde arranca um arco retangular de Ø2mm de espessura. O fusilhão mede 24mm e tem Ø5mm.

Tanto a barra da fivela como a chapa têm decoração, constituindo-se por elementos circulares com Ø18mm vazados por curvas e preenchidos por cinzelamento ponteadado circular. Tem restos de couro entre a chapa.



BOTÕES

Bronze | CF.MAF.110 a 119

Vários botões de diferentes vestes, aqui apresentadas em conjunto, por função similar.

Apresentam como elemento comum serem produzidos a partir de um perno de bronze de secção cilíndrico, rebitado numa cabeça plana de planta circular, retangular ou quadrangular. Entre as cabeças circulares, destaque para a que apresenta um dragão gravado num campo de Ø15mm e perno curvo (MAF.115), a cabeça recortada em cruz grega, com Ø60mm e 40mm de perno (MAF.113), e a gravada com estrela de seis pontas rodeada por pontos (MAF.116). Estes botões pesam entre os 5,7gr. e os 10,5gr.

Nos botões com cabeça de planta quadrada, o destaque vai para o decorado com um quadrifólio de motivos vegetalistas (MAF.110); a chapa decorada com quatro círculos equidistantes preenchidos por nove gotas e debruada a bagos de arroz (MAF.117); e a que tem um dos cantos levantados, apresentando um sino (MAF.119). Estes botões pesam entre os 5,2gr. e os 14,6gr..



UTENSÍLIOS EM FERRO

Diferentes utensílios em ferro, de uso quotidiano e com funcionalidades distintas.

O conjunto mais numeroso são os pregos. O formato dos exemplares recolhidos sugere o emprego em madeira (os mais pontiagudos têm restos de madeira); existem rebites batidos nas duas pontas; cavilhas de grande formato, e cravos de ferradura. O segundo grupo mais presente é precisamente o das ferraduras, de três ou quatro pares de furações, podendo ser de cavalo ou de gado bovino ferrado, utilizado para tração animal.

Existem ainda muitos exemplares de lâminas, para uso doméstico ou emprego em trabalho, destacando-se um cutelo com 190mm de comprimento de cabo à ponta, e um fragmento de lâmina de serra, que ainda conserva dois dentes. Mostra-se também, uma amálgama de pregos em escória de chumbo, porveniente da forja ou de um incêndio.





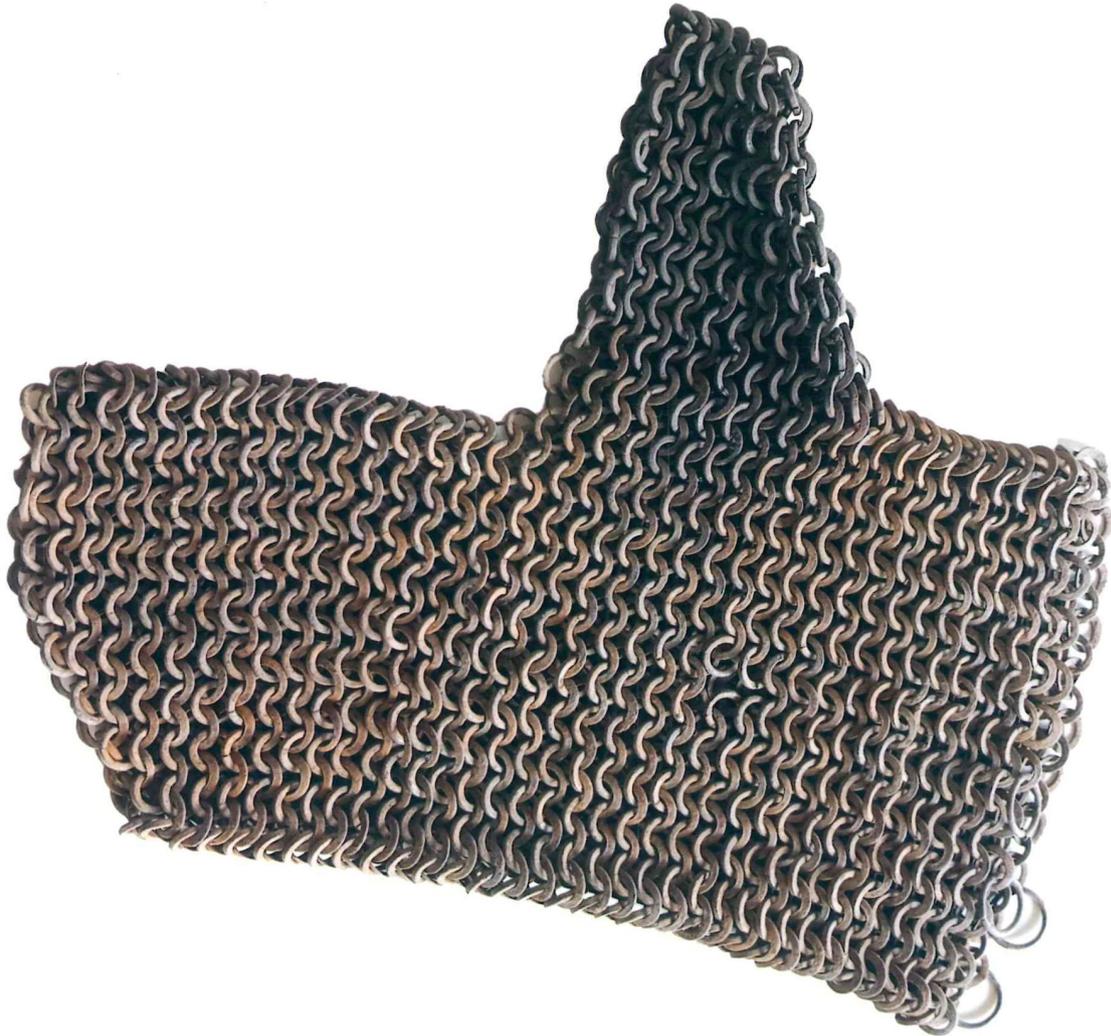
PONTAS DE LANÇA E DE VIROTE

Ferro

No Castelo de Faria recolheram-se dezenas de exemplares de pontas de lança e de virote de besta, em ferro, com técnica de fabrico muito semelhante, apesar das diferentes dimensões de cada tipo. Eram obtidas através do batimento da chapa, revirada até formar um cavidade cilíndrica, onde se poderia introduzir a haste de madeira. A ponta metálica era depois afiada.

As pontas de lança eram cónicas e tendencialmente mais pesadas, para maior projeção em caso de arremesso. As pontas de virote, de menor dimensão e espessura, cuja função era perfurar os equipamentos defensivos dos inimigos, eram bastante agudas, com maior diversidade de formatos.





MANOPLA

Ferro | 280mmx225mm | 930gr. | Séc. XIV-XVI

Manopla em malha de ferro, de desenho subtrapezoidal, com saco para quatro dedos e apêndice para o polegar. Mede 280mm de comprimento máximo e 220mm de comprimento mínimo, 145mm de largura na base e 120mm de largura nos carpos. O saco do polegar, que faz ângulo reto em relação ao saco dos dedos, mede 225mm de largura total e 70mm de altura máxima e 30mm de largura mínima. A malha foi fabricada com dois tipos de anéis: a cada anel de Ø12mm de secção quadrangular ligavam-se dois pares de anéis de Ø12mm, de perfil plano e levemente batido para concavidade voltada para o interior, unindo-se por solda. No rebordo inferior, subsistem cinco argolas de secção cilíndrica, com Ø16mm, que serviriam de passador de tiras de couro ou de corrente de elos. Foi encontrada em Vilar do Monte (Barcelos), na zona da Pedra Escrita, numa bouça que limita com a Estrada Real, por AGC, cerca de 1990. Estava enterrada e foi revelada pela passagem de rodado de trator. Propriedade: CAC.

O FEITO DOS ALCAIDES

« O bom escudeiro de Nuno Gonçalves, que foi preso nesta peleja que ouvistes, tendo grão sentido do castelo de Faria, que deixara encomendado a seu filho, cuidou aquilo que razoavelmente era de presumir, a saber: que aqueles que o tomaram o levariam ante o lugar e, dando-lhe alguns tormentos ou ameaça deles, que o filho vendo-o, haveria piedade dele e seria demovido a lhes dar o castelo.»

Em fevereiro de 1373, o exército de Castela invadiu o Entre Douro e Minho, tendo sido travado pelas forças portuguesas a norte de Barcelos. No combate aos invasores, os portugueses foram derrotados, e o alcaide do castelo de Faria, Nuno Gonçalves, foi feito prisioneiro.

Os castelhanos deitaram cerco ao castelo e mataram o alcaide, por este ordenar a seu filho que não se rendesse. Desse cerco houve grande destruição, com o desmoronamento da torre da porta e de parte da muralha.

O alcaide Nuno Gonçalves tornou-se num dos heróis mais celebrados da História de Portugal.

Fernão Lopes, na Crónica de D. Fernando, escreveu: «E por que aquela terra é muito povoada, não podiam todos caber no castelo, e acolhiam-se entre o muro e a barbacã em choças cobertas de colmo; e ventando então um vento suão, tomou um dos de fora um colmeiro aceso posto numa lança, e deitou-o em cima das choças, que começaram a arder. Os do castelo, muito enojados pela morte de Nuno Gonçalves, não tiveram mente no fogo que era grande, e arderam todas as choças e quanto nelas havia, e muita gente em elas».

Bastante danificado pelo cerco, e perdendo a sua importância militar, o Castelo de Faria arruinou-se. Em 1429, o Conde D. Afonso de Barcelos doou a pedra do castelo para a edificação do primitivo Convento da Franqueira.

1369

Henrique de Castela
suspeito de mandar
assassinar o irmão,
Pedro o Cruel



Escândalo!

Rei D. Fernando casou em segredo

maio de 1372

D. Fernando casou em segredo com D. Leonor Teles, sobrinha do Conde de Barcelos. A cerimónia realizou-se no Mosteiro de Leça do Bailio e a população ficou muito alvoroçada, porque a noiva «louçana, aposta e de bom corpo com fregosas feições e graça» já seria casada. Os Conselheiros reais temem pela paz, já que este casamento quebrou o Tratado de Alcoutim.

31 de março de 1371

Acabou a Guerra!

Chega ao fim um conflito entre Portugal e Castela instigado pela rivalidade entre Ingleses e Franceses. D. Fernando de Portugal firmou um tratado com D. Henrique de Trastâmara, em Alcoutim. Acordaram os dois reis as fronteiras dos reinos de Portugal e Castela, e reforçam os laços de amizade pelo casamento de D. Fernando com a filha de D. Henrique.

Invasão!

**Exército Castelhanos
cerca Lisboa**

novembro de 1372



As tropas
Castelhanas de
D. Henrique
invadiram o reino por Elvas e
cercaram a cidade de Lisboa.
Há rumores de que as tropas da
Galiza marcham para o Porto.

Sarmento invadiu o Entre Douro e Minho

fevereiro de 1373

O Adiantada do Galiza, Pedro Sarmento, invadiu o Norte de Portugal. As populações em fuga relataram pilhagens,



mortes e violações feitas pelos soldados castelhanos na sua marcha para o Porto. A esperança da cidade reside no Duque de Seia.

Matararam o Alcaide de Faria

março de 1373

Notícias terríveis chegaram-nos do Castelo de Faria. Nuno Gonçalves de Faria, alcaide do castelo com o mesmo nome, foi morto pelos castelhanos diante do próprio filho, Gonçalo Nunes, durante o cerco que os invasores deitaram aquela praça. Muitas pessoas pereceram durante o cerco, pelo fogo que deflagrou nas casas.



Como chegamos aqui

Excetuando-se os dinossauros, não haverá tema tão caro às nossas crianças do primeiro e segundo ciclos quanto a História medieval portuguesa. É impossível abordar os seus capítulos sem suscitar nos estudantes o imaginário de princesas e cavaleiros, espadas e armaduras, batalhas e castelos.

O título pensado no início era «*O Castelo de Faria, a sua História, Arqueologia e Memórias*», mas logo se desconsiderou. Entendeu-se que não seria possível transmitir ao público infantil e juvenil uma história do Castelo de Faria com eficácia, sem sacrificar alguma abordagem erudita que os técnicos costumam ceder aquela estação arqueológica que para além de “invisível”, foi palco de acontecimentos complexos e importantes, com personagens carismáticos e em séculos diferentes. A conceção da exposição orientou-se para as crianças do 3º ao 7º anos, segundo uma regra de que os conteúdos que servem aos jovens, também serão perceptíveis aos mais empedernidos especialistas e académicos. O contrário não será assim.

Por essa razão, optamos pelo título «*Era uma vez... O Castelo de Faria*», adequando a informação e as estratégias de exploração às Aprendizagens Essenciais definidas para a aquisição das competências pretendidas ao *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Sem entrar muito nas questões curriculares, esta mostra poderá ser explorada pelos docentes nos aspetos comuns dos programas do Ensino Básico, no Estudo do Meio do 3º e 4º anos; na Geografia e História de Portugal dos 5º e 6º anos, e em História do 7º ano: o conhecimento e emprego de referenciais de tempo e de espaço; a valorização do Património histórico e cultural através do reconhecimento de acontecimentos da História regional e local e a ação

de indivíduos e de grupos no devir histórico. Poderá, também, ser observada para o desenvolvimento de outras competências, como é o caso da Educação Tecnológica (organização e desenvolvimento de projeto e motricidade fina).

A composição da exposição obedeceu a ritmos pré-definidos, mas vive muito da agência no processo de cocriação.

A Sala Gótica apresenta algum constrangimento nas possibilidades da organização de um circuito de visita desenhado pelos suportes existentes, e não deixa de ser um espaço exíguo, com 120 metros quadrados. A definição de três espaços/tema distintos, mas permeáveis, permitiu-nos reduzir o emprego de painéis ao mínimo possível, e a disponibilização de áreas de circulação abertas, mesmo com o concurso da maqueta do Castelo de Faria, que nos ocupou uma área de oito metros quadrados. Se estávamos condicionados às dimensões do espaço da sala, a verdade é que fomos influenciados pela sua ambiência medieval, pelas paredes rústicas e pela presença da tapeçaria de Eduardo Nery, que ocupa toda a parede oeste e funciona como ponto de fuga.

Um dos conceitos que introduzimos nesta exposição foi a desformalização da narrativa. Atentos a que a complexidade de alguns dos acontecimentos históricos e sucessão de eventos eram demasiado complexos para serem lidos num texto, empregamos explicadores gráficos para esse efeito. O primeiro é a mesa do mapa da Terra de Faria, que permite um jogo de perceção espacial entre os territórios, os seus castelos e as razões estratégicas. Os mapas foram desenvolvidos por nós e pelo Gonçalo Ferreira, e desenhados pelo Nuno Novo, em 2017. Depois, utilizamos as duas pranchas de José Gonçalves tiradas das páginas de *O Camarada*, de 1961, para ilustrar o

Feito dos Alcaides. É um recurso visualmente atrativo, rapidamente inteligível, e apresenta o texto de Alexandre Herculano.

Outro elemento de desformalização foi a organização da informação das causas e consequências do cerco do Castelo de Faria, através da sobreposição de pergaminhos com informação jornalística, como se fossem os pregões medievos, ilustrados nas páginas anteriores.

E por último, a instalação de uma maquete à escala 1/72 do castelo, que pretendíamos datada dos meados do século XIII, para ilustrar a organização da estrutura militar, e não tanto preocupados com o aspeto da construção à data da destruição parcial, em 1373.

Aproveitando a menção à maquete, esta exposição deve muito a dois técnicos - que não fazendo vida nas ciências do Património - emprestaram a esta realização um extraordinário critério de qualidade.

Conscientes de que há uma grande dificuldade entre o público para abstrair o aspeto e a volumetria do Castelo de Faria de entre as ruínas da estação arqueológica (tratando-se de um conjunto de arquiteturas de diferentes épocas e reconstituídas sem um plano de interpretação viável, agudizadas pelo crescimento espontâneo de um bosque autóctone que vai tolhendo a vista do plano mais alargado de como seria, quer o povoado da Idade do Ferro, quer as estruturas do *vicus* romano, e o próprio castelo medieval), solicitou-se ao José Brito o estudo para a construção de uma maquete. O Brito não só desenhou e estudou a implantação das volumetrias do castelo, como emprestou a sua mestria no modelismo reconhecida internacionalmente para construir um modelo de grande qualidade visual e até científica; para que os nossos mais jovens e os nossos visitantes pudessem perceber o que desapareceu, o que ainda é observável, e porque a memória não é feita somente de livros e de imagens.

A Idade Média foi uma época de comunicação fundamentalmente visual e imagética, pelo que insistimos na qualidade da imagem comunicada. Se haverá eficácia nesta exposição, ela dever-se-á à imagem criada pela Raquel Carvalho, que desenvolveu para este projeto uma linguagem gráfica de grande qualidade estética. Foi muito criteriosa na definição da paleta cromática, a partir das tapeçarias medievais, em especial a de Bayeux, escolhendo os ocre (amarelo e vermelho), o anil e o verde; as ilustrações de marca de água, e o tratamento das ilustrações desenvolvidas pelo Nuno Novo. O design trouxe grande eficácia à identificação dos diferentes espaços da exibição, emprestando um fio condutor muito valioso à narrativa.

Por último, a parte mais importante. A longevidade desta exposição neste espaço (de 3 de junho a 30 de outubro) permitirá ensaiar atividades relativas, dependentes ou articuladas destinadas ao público: pretendemos oficinas de tapeçaria e de bordados para desenvolver a motricidade fina e a sintetização da narrativa em imagens; pretendemos ensaiar a construção de uma máquina de guerra para testar física e engenharia, com utensílios manuais; pretendemos realizar atividades em oficina no Castelo de Faria, de ferreiros, oleiros e outras atividades essenciais à Idade Média; e claro, fazer com que esta exposição seja um pretexto para que se olhe para as ruínas do Castelo como um sítio de Memória que urge reabilitar.

Cláudio Brochado









EXPOSIÇÃO

TÍTULO

ERA UMA VEZ... O CASTELO DE FARIA

EXPOSIÇÃO

DE 3 DE JUN. A 30 DE OUT. DE 2023

ORGANIZAÇÃO

PELOURO DA CULTURA DO
MUNICÍPIO DE BARCELOS

COMISSARIADO E TEXTOS

CLÁUDIO BROCHADO

DESIGN GRÁFICO

RAQUEL CARVALHO

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

NUNO NOVO

MAQUETA

JOSÉ BRITO

MONTAGEM

DOMINGOS MAGALHÃES
SANDRA RODRIGUES

IMPRESSÃO

PS PRINT, UNIP, LDA

CATÁLOGO

TÍTULO

ERA UMA VEZ... O CASTELO DE FARIA
CATÁLOGO

EDIÇÃO

PELOURO DA CULTURA DO
MUNICÍPIO DE BARCELOS

COMISSARIADO E TEXTOS

CLÁUDIO BROCHADO

DESIGN GRÁFICO

RAQUEL CARVALHO

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

CARLOS ARAÚJO
JOSÉ BRITO
NUNO NOVO

ISBN

978-989-8987-19-8

DEPÓSITO LEGAL

517524/23

IMPRESSÃO

MINHOGRAFE, ARTES GRÁFICAS, LDA



BARCELOS
MUNICÍPIO

biblioteca
municipal
barcelos



69099

Barcelos